

TODO PROJETO DE VIDA É UM PROJETO DE VIDA CANSADA?

Eduardo de Oliveira Belleza¹

Resumo: Este artigo analisa criticamente o impacto do projeto neoliberal na educação escolar, utilizando como base um filme, um livro e a disciplina de Projeto de vida do currículo escolar. O texto argumenta que a escola se tornou uma fábrica de sujeitos precários, onde o cansaço tornou-se o principal afeto, como resultado da competitividade exacerbada, pressão por resultados e constante reformulação das rotinas pedagógicas. O currículo paulista é destacado como um exemplo dessa dinâmica, evidenciando como os mecanismos de captura da subjetividade operam no ambiente escolar. A disciplina de Projeto de vida é vista como uma estratégia de direcionamento da vida dos alunos pela ordem econômica. O texto conclui com um chamado à reflexão sobre o papel da escola na sociedade neoliberal e a necessidade de re-existir aos mecanismos de controle que impedem a construção de outros percursos de vida.

Palavras-chave: Cansaço. Projeto de vida. Educação escolar. Ensino médio. Precarização.

Is every life project a tired life project?

Abstract: This article critically analyzes the impact of the neoliberal project on school education, using as a basis a film, a book, and the "life project" discipline in the school curriculum. The text argues that the school has become a "factory of precarious subjects," where fatigue has become the main affect, as a result of exacerbated competitiveness, pressure for results, and constant reformulation of pedagogical routines. The São Paulo curriculum is highlighted as an example of this dynamic, evidencing how the mechanisms of capturing subjectivity operate in the school environment. The "life project" discipline is seen as a strategy for directing students' lives by the economic order. The text concludes with a call for reflection on the

¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8778-7867> E-mail: belleza@unicamp.br

role of the school in neoliberal society and the need to re-exist the control mechanisms that prevent the construction of other life paths.

Keywords: Tiredness. Life Project. School education. High school; Precarization

INTRODUÇÃO

Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa (Deleuze, 2016).

O conjunto de questões a serem tratadas nesse artigo surgiram pela correlação entre um filme², um livro³ e uma disciplina do currículo escolar⁴. Em grande medida, tentaremos esboçar aqui a gravidade do projeto neoliberal para educação escolar. Em nosso percurso teórico, nos concentraremos em apontar o cansaço, como uma espécie de sintoma e estratégia do funcionamento da vida. O objetivo central desse texto é propor uma reflexão em torno da escola como uma fábrica de sujeitos precários, enfatizando o direcionamento da vida pela ordem econômica⁵.

O currículo paulista – no seu recorte específico – pode, com as perguntas certas, nos evidenciar novos problemas acerca dos modos de subjetivação⁴ da vida na escola. Antes,

² Você Não Estava Aqui, de Ken Loach (2019). É um filme central para a discussão sobre trabalho e precarização da vida, no cenário atual.

³ Sociedade do cansaço, de Byung-Chul Han (2017). O livro tornou-se uma referência em estudos que buscam pensar a sociedade do desempenho e seus efeitos sobre a vida humana.

⁴ Projeto de vida, criada em 2012 pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, tornou-se uma disciplina transversal do currículo, e, em 2018, um componente curricular da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

⁵ A pesquisa atual é financiada pelo Programa de Pesquisador de Pós-doutorado (PPPD) da Universidade Estadual de Campinas.

porém, é preciso toma-lo como uma máquina engenhosamente posta em funcionamento. O seu maior objetivo é a produção de subjetividades:

[...] assim como se fabrica leite condensado com todas as moléculas que lhes são próprias, injeta-se representações nas mães, nas crianças, como parte do processo de produção subjetiva. (Guattari, Rolnik, 2013, p.34)

É fundamental que possamos examiná-lo com o devido cuidado, denunciando os seus mecanismos de captura, bem como as suas brechas, as ranhuras por onde parece haver alguma possibilidade para outros percursos com a vida.

De início, nos parece relevante apontar ao leitor que a nossa inquietação parte de uma proposição elementar: o cansaço tornou-se o principal afeto na sociedade neoliberal. A escola tem se especializado cada vez mais na gestão do cansaço. O sensível no campo político da educação escolar é o cansaço. Não há poder na sociedade atual que não esteja investido no plano dos afetos, que não dependa e invente estratégias para capturar essa dimensão mais elementar. O campo de (in)sensibilidades é aqui tomado como um território em disputa. A busca é por um modelo de sociedade – em produção – que tem o seu laboratório na escola pública. Como fazer das pessoas cansadas demais? Eis o objetivo maior da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

A escola pública tornou-se o centro de gravidade da *cafetinaagem* sobre a vida. Suely Rolnik (2023) foi quem utilizou primeiro o termo, para pensar o sequestro da vida: “Em sua nova versão, é da própria vida que o capital se apropria.” (Rolnik, 2023, p.32). Emprestamos o conceito para fazê-lo funcionar junto das nossas questões. Dentre as quais, a mais importante: o que está em jogo quando transformamos a vida em projeto neoliberal? A eficiência desse projeto para a vida

tem se dado em desfavor do empresariamento escolar, realizado a partir de dois principais movimentos estratégicos: 1) criar uma competitividade mais alastrada, enfatizando disciplina hierárquica e a pressão por resultados; 2) impedir qualquer possibilidade de um trabalho pedagógico duradouro, reconfigurando o funcionamento escolar a cada novo semestre. Um possível cenário a ser observado é: a escola pública transformou-se no lugar da gestão do cansaço, do sofrimento, dos sonhos roubados, etc. Algo que emana de um misto de competitividade, pressão por desempenho e uma permanente confusão das rotinas pedagógicas. Assim, partimos do princípio de que não se pode falar da vida na escola, da sua organização, dos seus problemas, sem falarmos dos efeitos desse cansaço e a sua atuação nos modos de viver. O afeto é a prisão, o território, a trincheira onde se batalha uma saída.

Desde 2012 (pelo menos), a partir da instauração do Programa de Ensino Integral⁶, que a educação paulista vem criando espaços para as chamadas “disciplinas diversificadas”, adotando uma postura reformista do currículo escolar. Projeto de Vida surge na escola assim, como um componente curricular obrigatório, ele faz parte do novo conjunto de disciplinas mais alinhadas ao mundo do trabalho. Trata-se de uma disciplina com transversalidade, de onde se parte para a construção de planos de ação escolar, outras disciplinas do currículo, ações diversas, como, por exemplo, a construção de um conjunto de disciplinas chamadas “eletivas”. Tal disciplina define a tutoria – relação professor aluno –, a participação em clubes, o conjunto de itinerários formativos a ser estudado ao longo de todo Ensino Médio. A partir de 2018, essa disciplina passa a existir em consonância também com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que vem para criar um

⁶ Resolução SE 12, de 31-1-2012.

conjunto de habilidades e competências, obrigando escolas por todo o país a adotarem estratégias de “apoio”, para que os estudantes possam refletir sobre a vida, traçar planos, subsidiando-os à construção dos seus projetos de sucesso. É como se, de uma hora para outra, fosse um valor (de mercado) encarcerar a vida para extrair dela mais foco e resultado.

Por aqui, a disciplina de Projeto de Vida tornou-se a espinha dorsal do currículo, ou seja, ela é a base do trabalho pedagógico na escola:

[...] o Projeto de Vida funciona como o articulador do projeto pedagógico da escola, ao mesmo tempo em que é um componente curricular que passa a ser trabalhado em todas as escolas da Rede Pública Estadual de São Paulo nos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio (São Paulo, 2020, p. 2).

Trata-se de um mecanismo fundamental na engenharia da educação neoliberal. Duas ideias podem delinear melhor como funciona a vida na escola: 1) ela se projeta numa espécie de encontro com um futuro a ser realizado, ou seja, como idealização; 2) sua efetivação depende do sucesso individual, através do mérito. (São Paulo, 2020). Assim, qualquer possibilidade de uma vida que aconteça no presente dos encontros mais banais, cotidianos e inesperados, não teria espaço no currículo.

Deleuze foi quem melhor chamou atenção para algo da vida (a própria vida) na sua dimensão mais elementar, vida como acontecimento.

Dir-se-á que a pura imanência é UMA VIDA, nada mais. Ela não é imanência à vida, mas o imanente que não é imanente a nada específico é ele mesmo uma vida. Uma vida é

a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência e beatitude completas. (Deleuze, 2016, p.163).

Ao transformar a vida num projeto de sucesso individual, o currículo elimina a possibilidade de pensar a vida humana – e também não humana – em outros modos de existência: vida coletiva, vida selvagem, vida como encontro. A hipótese central que defendemos aqui é que tal disciplina se trata de uma estratégia central do currículo neoliberal na educação básica, e ela tem como principal objetivo a produção de vidas cansadas. Vejamos como um filme e um livro nos ajudam a perceber melhor isso.

LUZES SOBRE O PROBLEMA

O filme de Ken Loach (2019) se baseia no cotidiano de uma família de trabalhadores ingleses pós crise econômica de 2008. O diálogo é com o mundo do trabalho e o que dele se desdobra de vida nos personagens. A busca pela sobrevivência constitui a tônica da obra. Trata-se de sujeitos transformados em donos do seu próprio negócio, os empreendedores. Sem proteção ou garantia de que conseguirão pagar as suas dívidas no final do mês, a não ser que se esforcem o bastante para isso, vão sendo forçados a ter que se adaptar à competitividade, ao stress, e a pressão por resultados. É um filme cujo vórtice é a própria capacidade de resiliência humana.

Laval e Dardot (2016) apontaram esse mundo a partir dos sujeitos:

Se existe um novo sujeito, ele deve ser distinguido nas práticas discursivas e

institucionais que, no fim do século XX, engendraram a figura do homem-empresa ou do sujeito empresarial [...] O homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial (p. 322).

A exemplo de Rick, um entregador de produtos do mundo digital tentando se mostrar competente no novo formato de trabalho (sem direitos e com muitas metas a cumprir). A sua família é composta por Aby (a esposa) e os seus dois filhos adolescentes (Sebastian e Liza). Rick trabalha quatorze horas por dia, não tem horário de almoço e seu provento vem dos pacotes que entrega e registra num scanner.

Aby cuida de idosos e pessoas acamadas. Ela trabalha mais de quatorze horas por dia, em condições muito parecidas com a do seu companheiro, agravada pelas tarefas com a casa, alimentação, contabilidade da família – funciona como retesamento das relações de gênero na sociedade da mercadoria. É dela o único carro da família, utilizado para chegar o mais rápido possível nas casas das famílias. Esse carro será trocado para dar de entrada no furgão que Rick realiza as entregas. As imagens de Aby são sempre mais acumuladas de tensão e cansaço, como uma forma de constituir a personagem mulher-empresendedora. O título dado ao filme, “Você não estava aqui”, faz conexão com tudo aquilo que constrange a vida dos próprios participantes. Não estava é, em simultâneo, uma falta e uma presença. Em parte, por tratar de um aspecto narrativo, dos desencontros entre quem entrega e quem recebe os pacotes, em outra, por chamar atenção para uma insuficiência constante. A vida como esse entre a busca e ausência.

Trata-se de um dos grandes filmes na atualidade sobre esse tema. Ao assumir o cansaço como resultado do trabalho,

o faz funcionar como uma linha que vai costurando toda a narrativa. Tudo deriva desse afeto: o trabalho, o casamento, as leis, a saúde, a educação, todos os temas vão emergindo desse novelo. Vulnerabilidade social na sociedade da exclusão, o trabalho e a degradação das relações familiares, a relação com as leis e as suas formas de punição e controle, os limites da escola na adequação social, um corpo e os seus limites (físicos e mentais), etc.

Os planos que tratam do ensino dos filhos são importantes para um olhar mais atento sobre o cansaço e a educação escolar. O filho mais velho (Sebastian) é caracterizado como um jovem com problemas de disciplina. Já a filha caçula (Liza) é construída a partir de um universo onde sofrimento e solidão se articulam para dar vazão à depressão. A gestão do sofrimento acompanha os personagens ao longo da trama, ela vai sendo esculpida por repetidos planos de insônia, tensão muscular, histeria, tonturas, violência física e mental.

Sobre isso, gostaríamos de chamar a atenção para dois elementos presentes de modo mais permanentes na trama, e que nos conectam a vida escolarizada na rede estadual de São Paulo: o primeiro deles é o de que o cansaço aparece como um afeto articulador do campo de sensações no filme – é através dele que outros afetos poderão emergir. Como se o conjunto de sensações que o filme fosse capaz de realizar estivesse, obrigatoriamente, conectado ao cansaço. A todo o momento, as pessoas vão sendo urdidas na rede do cansaço. De um lado, os filhos cansados por não terem a presença dos pais como precisam, tendo que lidar sozinhos com a vertigem das suas próprias questões. De outro, um casal tendo que cuidar das mais variadas demandas em torno da família (uma vida coletiva), do trabalho e do modo como se veem consumidos na forma neoliberal de gestão da vida. Trata-se de um looping que vai corroendo os laços humanos. Relações vão se esfarelado à medida que dor e sofrimento se acumulam.

Camada sobre camada, raiva, medo, insegurança, fracasso, frustração, se fazem um alicerce. Quando achamos que chegamos no limite do personagem, quando acreditamos que não é mais possível sofrer, o filme segue adiante, até que uma nova camada se sobreponha.

O filme fez-nos lembrar uma pequena passagem extraída das Diretrizes para o Currículo de Projeto de Vida de SP, e que diz muito a respeito de uma nova subjetividade sendo forjada, sob a farsa de protagonismo e resiliência na escola:

Alguns pontos importantes para a formação do protagonista que favorecem escolhas qualificadas: desenvolvimento de competências como autoconhecimento, autogestão, engajamento com o outro, abertura ao novo, amabilidade, resiliência emocional, visando à autonomia (São Paulo, 2020, p. 6-7).

O ser resiliente aqui é o sujeito capaz de aguentar a dor e o sofrimento, sem deixar de ser produtivo. A autonomia foi substituída por seu sentido inverso. Não se trata mais do direito à educação como forma libertação. Antes, o que se busca é educar para livrar as pessoas das condições de proteção e assistência, pois, supostamente, isso estaria impedindo-as de serem mais produtivas. No neoliberalismo, a liberdade só pode ser aceita socialmente na relação com o mercado, ou seja, não há.

A cena final do filme é emblemática: Rick está todo machucado, após ter sido assaltado. Ele até tenta ir a um hospital para ser avaliado, porém, não consegue dar conta de esperar o longo tempo de espera – a pressa por dar sequência às tarefas diárias. São 6:30 da manhã do dia seguinte, o plano é com baixa luminosidade num apartamento do subúrbio de alguma cidade inglesa. Sentado diante da mesa na cozinha,

com a mão enfaixada de gaze, ele escreve um bilhete para a sua esposa: “Não fique brava, Aby, ficarei bem. Te amo”. Logo em seguida ele sai para dirigir a sua van em mais um dia extenuante de trabalho. Seu filho, Seb, ao notar o que o pai está fazendo, tenta impedi-lo a prosseguir naquelas condições (em vão), se lançando sobre a porta da van, protestando para que o pai retroceda. Uma discussão se forma no meio da rua, e logo Aby se junta a eles. Aos gritos, ela protesta contra o marido.

Rick é irredutível – o sujeito neoliberal é implacável no seu objetivo –, engata a ré e acelera o automóvel num misto de dor e fúria. Liza assiste à cena diante da porta da residência. Perplexos e impotentes (assim como o espectador), eles assistem o pobre homem partir. É uma cena com muita energia. Os sons dos gritos somam-se ao ronco da van e o cantar dos pneus. O quadro se fecha num zoom, com a câmera agora dentro da van, e no plano detalhe vemos o rosto do personagem todo machucado, que, de olhos lacrimejados, segue o seu caminho. A imagem segue assim por uns trinta segundos e a tela vai se apagando sem que a van pare. O filme termina com o personagem indo trabalhar. Nós seguimos com ele. É preciso retornar às forças do trabalho, encarar o cansaço e seguir em frente.

Um segundo elemento que vale a pena se destacado é a presença do celular que, por ser um objeto presente em diversas passagens do filme, chama a nossa atenção, como um intensificador dramático da cena. Ele aparece quase como uma espécie de extensão do corpo deles. Sempre há um smartphone tocando, ligando, avisando, impedindo-os de efetivarem qualquer ação sem haver um desvio. Uma cena marcante é quando Rick toma o celular de Seb, castigando-o, criando uma espécie de explosão na relação pai e filho. A violência da cena recai sobre toda a família – novamente emaranhados numa teia de violências. As duas personagens mulheres são arrebatadas pelo sentimento de medo e angústia,

diante da fúria dos personagens masculinos. A cena faz uma referência nítida a como a permissividade sobre esse aparelho constitui moeda de troca na educação dos filhos.

Isso importa para chamarmos atenção para uma dependência emocional que os smartphones constituem na juventude escolar e a dificuldade que se tem para encontrar um equilíbrio. Trata-se um problema atual, a despeito da Lei nº 15.100/2025 que restringe o uso dos dispositivos eletrônicos portáteis na escola. De um lado, a aposta por aumentar as interações sociais, o combate ao cyberbullying, a proteção da saúde mental e o desempenho acadêmico. De outro, a restrição à liberdade individual e a confusão com a finalidade pedagógica. O debate é quente e, ainda que não seja nosso intuito fazê-lo, os smartphones tornaram-se parte da economia da atenção contemporânea. A crítica colocada pelo filme é a de que vivemos hiperestimulados o tempo todo por esse aparelho. Ou melhor, pela presença de um tipo de conexão com o mundo virtual, do qual o nosso corpo (físico, emocional, digital) passou a depender. Já existe termo para isso na bibliografia mais atual:

o eu estendido de Belk em que o celular é visto como uma extensão do self, por isso a separação do mesmo transmite a ideia da perda de si mesmo, o que gera um aumento da ansiedade (Borges, Maia, 2022, p. 3).

São inúmeros planos na relação com o celular. Funciona como um recurso de aumento da sensação de ansiedade e da angústia nos personagens, o que, não raro, se percebe nos próprios espectadores. Uma sensação de fragmentação da atenção vai sendo agenciada nas cenas em que o aparelho está presente, ou seja, um tipo de atenção estilhaçada, num mundo frenético de exigências infinitas. Vinculamo-nos por identificação.

Como é possível pensar com a vida, quando ela se reduz a sobrevivência? Uma pergunta na conjunção entre o filme e a vida como projeto na escola. Deleuze foi quem escreveu melhor sobre o pensamento como uma ação na/com a vida. [...] não é segundo outras dimensões que o ato de pensar se engendra no pensamento e que o pensador se engendra na vida? (Deleuze, 2006, p.284). Ao mesmo tempo que essa questão surge como um problema efetivamente conectado aos desafios da educação mais atual – pensamento como ação num mundo bestializado –, este parece ser também o principal argumento para o Estado propor que haja uma disciplina que se proponha projetar a vida. Parece-nos importante apontar que tal disciplina tem se configurado junto ao que é a motricidade do neoliberalismo: “a criação de um ‘precariado’ global, que consiste em muitos milhões de pessoas ao redor do mundo sem uma âncora de estabilidade” (Standing, 2013, p. 15). Ou seja, o que nos parece central é que a nova necessidade do mercado sobre a vida diz respeito em cafetinar os sonhos e os corpos jovens, para se tornarem sujeitos uberizados, precários, cansados.

Dito isso, gostaríamos de concentrar agora nos pensamentos em torno da obra de Byung Chul-Han (2017), *Sociedade do cansaço*. Buscaremos tecer relações entre o filme e o livro, desdobrando questões em torno da vida e do currículo paulista.

O CANSAÇO COMO UM AFETO EMINENTE

“O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (Han, 2017, p.

71). A frase destacada da obra do filósofo sul-coreano é emblemática, ela sugere um olhar sobre o cansaço que tem a ver com um nível de individualismo e isolamento mais intenso. Não se trata de percebê-lo em sentido genérico, mas de mirá-lo nas entranhas do eu, como um afeto que move, produz e subjetiva. O cansaço transformou-se nos fios da rede da aranha, a condição fundamental para o funcionamento dos sujeitos na maquinaria neoliberal. É ele o afeto mais dominante.

Há algo no cansaço que remete à multitarefa na sociedade de desempenho, ou seja, um aumento na capacidade de realizar tarefas distintas ao mesmo tempo, e que um corpo cansado não cessa de alcançar – um corpo físico conectado a outros corpos (digitais), curvado e de retinas queimadas pela luz, sendo (hiper)estimulado a ter que responder às exigências em escala exponencial, urgente e sem fim. Esse sujeito está em guerra consigo mesmo, por tentar escapar do fracasso que o persegue. Seguimos todos cansados demais para deixarmos de estar cansados. Na dinâmica da atenção fragmentada e dispersa sempre há espaço para mais uma nova tarefa.

O filósofo nos lembra que a pressão por desempenho tem nos empurrado para um individualismo voraz, que tem sido a principal fonte dos nossos adoecimentos contemporâneos – depressão, déficit da atenção, ansiedade, burnout. O paradigma neuronal tornou-se a referência para pensarmos os sujeitos neoliberais. Não se trata mais de um sujeito disciplinado de fora para dentro, mas de um outro tipo de controle, ainda mais intenso, ainda mais efetivo, vindo de dentro para dentro. Assim, “o sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo” (Ibidem., p. 29).

A escola pública da rede estadual em São Paulo tornou-se a fábrica desse sujeito. Uma máquina racional objetiva na sua missão: formar uma população precariamente cansada, a

mercê do mercado. A forma encontrada foi povoar a escola de aplicativos, plataformas e avaliações de desempenho. Eles são vorazes e virais. O resultado disso tem sido um aniquilamento da autonomia, um engessamento do trabalho pedagógico e o esvaziamento de sentidos para vida de jovens discentes e docentes.

Em fevereiro de 2025 a Secretaria da Educação de São Paulo criou a “Sala do Futuro”. Trata-se de uma plataforma digital com a finalidade de postar atividades pré-programadas, cobrar metas de acesso, gerenciar dados. “Esse ambiente foi desenvolvido para transformar a experiência escolar dos estudantes, oferecendo um ecossistema único[...]” (São Paulo, 2025). De qual ecossistema estamos falando? A atmosfera escolar não é a da aprendizagem com os encontros com uma vida, “A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra [...]” (Krenak, 2020, p.15), se não, um ecossistema voltado para a padronização, a digitalização, a eliminação da autonomia, direcionado unicamente para o mesmo sentido: formar uma população de sujeitos precários, imersos num mar de cansaço e solidão. “Trata-se agora de governar um ser cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra” (Dardot e Laval, 2016, p. 327).

Do cansaço, é preciso realizar o descanso necessário para o seu eterno retorno. A grande obra neoliberal reside em um saber valioso para a manutenção desse ecossistema. Cansados num nível da solidão profunda, impossibilitados de encontrar com uma vida para além da sobrevida que lhes resta, formam-se em grande número uma massa escrava de plataformas, metas, dados, – um novo tipo de escravismo que se levanta e que tem a sua raiz no universo digital. O cansaço tornou-se o afeto permanente de um tipo de atenção estilhaçada. Concentrar-se em si, na vida, tem se tornado algo exótico no mundo dos atropelos e das correrias. Ao contrário, a busca é por um tipo de sujeito capaz de desempenhar múltiplas tarefas

no mesmo tempo. Quanto mais cresce o vazio em nós, mais sedentos por sermos notados, reconhecidos, vistos. Vivemos uma nova era: a do triunfo da atenção rasa na guerra consigo mesmo.

Afetamos e somos afetados, numa crescente ecologia do cansaço. Aqui, é preciso mirá-lo como um éter, um ar atmosférico que a todos faz respirar. Uma vez engolfados, fica difícil se desvencilhar e produzir outra forma de atenção com a vida. O corpo físico, essa primeira fronteira, foi tomado. Fica difícil experimentar outros tipos de afetos quando já não se pode deixar de estar cansado. Há um dado corpo na escola pública aplicado na gestão do cansaço. Um corpo apto a estar cansado, porém, nunca ao nível do esgotamento. Deleuze chamou atenção: “O cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível.” (Deleuze, 2010, p.67). A atenção precisa se manter quebrada, só assim para nos mantermos presos. “A sociedade do cansaço, enquanto uma sociedade ativa, desdobra-se lentamente numa sociedade do doping” (Ibid., p. 69). Seguimos cansados, dopados e tarefeiros demais para esgotar.

Mas aqui precisamos deixar algo claro, não estamos dizendo daquele cansaço da nadadora, que, ao entrar em composição com os signos da água, transforma energia física em movimento. Trata-se, antes, de um cansaço que empurra o eu para dentro de si (comprimindo), fazendo-o ranger de dor em sua solidão desmedida, afundando em ainda mais em seu eu narcísico. Um mais do eu – excesso de positividade. Esta pode ser considerada a nova imagem do da sociedade do desempenho. A inflamação do eu contra si. Esse cansaço é capaz de consumir qualquer aproximação na direção de um nós. A vida como coletividade está ameaçada na escola pública. Se existe um comum possível, é o fato de estarmos todos muito cansados.

PENSAR A ESCOLA É PENSAR O CANSAÇO

Quanto mais isolados e solitários encontramos-nos mais apegados às necessidades de falsificar a nossa solidão. No mundo digital, não param de surgir estratégias para isso: aplicativos de relacionamento, plataformas de interação social, IA, algoritmos de desejo, etc. O mundo digital apropriou-se muito bem dessa distensão do eu no mundo, transformando o vazio existencial em potencial de riqueza econômica e produção de mais rentabilidade.

Se retornarmos ao filme de Loach (2019), fica perceptível a conexão com isso. A todo o momento o diretor cuida de expor a forma como cada personagem lida com o seu próprio cansaço, sem conseguir deixar de coexistir em grupo (família). Aliás, fica nítido o quanto eles (os personagens) sentem que precisam uns dos outros, desesperadamente agarrados às relações. Uma interdependência emocional atravessada por elementos do mundo digital. No filme, não parece haver saída para o sofrimento. Ao contrário, o afeto consome e efetua todo o possível. Como uma espiral, os personagens estão sempre voltando para a condição de sujeitos cansados. Todos se remetem isoladamente à gravidade de seu próprio cansaço, para justificar a continuidade dos seus projetos de vida cansada.

O afeto se espraia, conecta, opera em todas as enunciações possíveis. Se estou feliz, é por não estar demasiadamente tão cansado. Ele forma a prisão. Toda forma de descanso tornou-se uma estratégia, para poder voltar a estar cansado novamente. A nossa percepção é a de que a escola pública de educação básica tem se especializado nisso. Os louros do

neoliberalismo lançados na plenitude em dizer: “Estou exausto, mas produzi bastante hoje”, ou, “ não importa o quanto estamos cansados, nós vamos bater a meta.” Trata-se de um traço do cansaço que, na sua porção solitária e individualista, lançou a competitividade para um outro nível, o eu contra si.

Presenciamos uma epidemia de sujeitos cansados na escola. Partimos dessa proposição para afirmar que não se pode pensar a escola se não a pensando com o que dela vibra. Como um *corpo vibrátil*, para usar uma expressão dada por Rolnik (2023). Assim, tomando o pensamento como uma ação que se dá não sobre, mas com o mundo (aquilo que vibra), não seria possível o pensamento sem o contágio com o campo de forças. Pensar a escola é se embebedar no/do cansaço que a consome, e, é também, uma ação no seu interior. Uma intervenção que produz um rastro, uma centelha.

A ARTE DE GOVERNAR PELO CANSAÇO

Temos inventado formas surpreendentes de alta produtividade, mesmo estando nitidamente muito cansados. “Estou muito cansado, mas eu consigo dar conta”, diz o estudante em meio às dezoito plataformas que formam o ecossistema. Atento a isso, o governo do estado de São Paulo e a sua cafetinagem curricular, vem desenvolvendo uma importante estratégia de orientação do desejo:

[...] na perspectiva de uma formação que permitirá, ao longo da Educação Básica, que os estudantes desenvolvam uma visão de futuro, sendo capaz de transformá-la em realidade para atuar nas três dimensões da vida humana:

pessoal, social e **produtiva**. (grifo nosso, São Paulo, 2020, p. 5)

Assim, faz-se em execução um projeto de poder: garantir a preservação de fortunas de um lado e a extensa massa de sujeitos precários de outro. É preciso formar essa população de empreendedores adaptáveis, resilientes e tolerantes ao stress. Cafetinar a vida na escola pública parece ser o grande empreendimento desse experimento sórdido: “A força vital de criação e cooperação é assim canalizada pelo regime para que construa um mundo segundo seus desígnios.” (Rolnik, 2023, p.32). O Estado de São Paulo tem um projeto para a vida, e ele passa pelo entendimento da escola pública, como lugar de produzir as pessoas para viverem isoladamente, cansados, porém, produtivos num nível ainda mais eficiente – um sucesso.

Não é possível conceber um lugar-escola-pública configurado por linhas de descanso, por pausas e respeito aos tempos das diferenças. Não é possível perceber a vida como um encontro de acasos em linhas que só fazem fugir os projetos. A busca por desempenho tornou-se o gás em combustão que alimenta a fornalha da fábrica de sujeitos precários. Não se trata de formar trabalhadores – o assim chamado mundo do trabalho –, mas, empreendedores. São os novos investidores na economia do sofrimento; os gestores de si. A subjetividade capitalista é elevada a uma potência nunca antes vista.

[...] especialista dele mesmo, empregado dele mesmo, inventor dele mesmo, empresário dele mesmo: a racionalidade neoliberal pressiona o eu a agir sobre ele mesmo no sentido de seu próprio reforço para seguir na competição. Todas as atividades devem se comparar a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custo. A

economia se torna uma disciplina pessoal (Dardot; Laval, 2010, p. 412).

É possível chamarmos de uma arte, o modo como tem se realizado a manutenção da vida cansada na sociedade contemporânea. O cansaço tornou-se o principal dentre os afetos humanos. Ele produz e consome um corpo. Todos os demais afetos emanam dele. É possível perceber isso na obra “Can’t Help Myself”, dos artistas chineses Sun Yuan e Peng Yu. Nela, um braço robotizado em formato de rodo recolhe o líquido com aspecto de sangue de modo contínua, permanente. A máquina segue dando os sinais do seu cansaço, os seus movimentos ganharam uma lentidão arrastada, desde que foi posta em funcionamento, mas, ainda assim, ele continua executando a sua tarefa infinita, impedindo que o sangue se espalhe longe demais. Num futuro próximo, o cansaço deixará de ser só um afeto para se tornar a própria condição para que o corpo exista. Canso, logo existo. Quem não estiver tão cansado, constituirá uma exclusividade, um privilégio, o mais exótico dos sujeitos.

Uma vez que a vida se vê contígua a este afeto, como condição da própria vitalidade da economia neoliberal, não estariam, assim, todos os projetos de vida funcionando como projetos de uma vida cansada? Existiria algum projeto de vida capaz de re-existir a isso? Parece-nos urgente pensar a partir dessas questões, instaurando um problema ao pensamento: como escapar?

A GESTÃO DO SOFRIMENTO NA ESCOLA

Em São Paulo, há uma engrenagem capaz de gerar aumento nos índices de produtividade, mesmo tendo como

alicerce uma política voltada para a precarização. A sua legitimidade é duvidosa, mas convence os menos atentos – certamente ela poderá ser utilizada em campanhas governistas num futuro breve. Estamos dizendo do painel B.I. (Business Intelligence), uma ferramenta do mundo empresarial, atrelada aos dados escolares, funcionando por medição de desempenho em tempo real – notas, frequências, metas, resultados. A justificativa da sua presença é a mesma de sempre: a busca por soluções inovadoras. É de lá que saem os relatórios e estímulos à competitividade entre estudantes, gestores e docentes. São novas ferramentas de dados e análises quantitativas, que vão exigindo e adequando às escolas ao mundo business. Quanto mais cansados, mais produtivos, eis a equação que não se pode perder de vista.

O trabalho de um supervisor de ensino, por exemplo, é diretamente ligado ao acompanhamento desses dados. Ele parte disso para poder cobrar os resultados impostos pela secretaria de educação. As suas conversas com o grupo gestor (diretores, vice-diretores, coordenadores pedagógicos) são orientadas a partir dos dados gerados pela plataforma. Ela tornou-se uma importante ferramenta de acompanhamento escolar junto com a Sala do Futuro. Já não se trata mais de acompanhar projetos, de criar pontes para acesso e interligar ideias e pessoas. A voz da vez é: “você consegue, você precisa.”.

A escola perde autonomia e se vê sitiada por tecnologias de controle que buscam a padronização do processo educativo. O pedagógico tem se resumido a planilhas exportadas, e a uma série de enquadramentos e barganhas, impulsionado, em grande medida, pelo novo sistema de bonificação da rede estadual: “Escolas e professores que alcançarem 100% da meta serão bonificados pelo tipo chamado “diamante”, com uma bonificação de dois salários. Já no índice “ouro”, de 50%, o bônus será de um salário” (São Paulo, 2024). Uma parte do afeto que nos arremata provém desses números vazios e dessa

pressão por metas que, na prática, não garantem as aprendizagens, mas são um potencial banco de dados para manipulação da informação. Essa lógica afunda ainda mais os sujeitos em seus cansaços solitários. Como parte desse complexo sistema de “soluções” do mundo empresarial, o currículo emerge como uma engrenagem central.

A busca por índices tem feito funcionar uma locomotiva na escola. Seus trilhos têm sido as avaliações externas, principalmente a Prova Paulista, o Provão Paulista e o SARESP. As duas primeiras avaliam conteúdos provenientes de um material didático duvidoso, não raro, produzido por outra secretaria de educação (do Paraná). O material já angaria um bom punhado de críticas, gerando insegurança e incredibilidade. Tudo é trabalhado através de slides e exercícios previamente preparados. O que chega nos estudantes já está definido, digerido e tem apenas de ser cumprido. A expansão das plataformas digitais abre caminho para uma privatização ainda mais intensa da educação, controlando o acesso e os dados dos alunos.

A conjunção da plataformização da educação com a reforma do Ensino Médio tem produzido uma escola-empresarial. Afogados, gestores, docentes e estudantes operam na pela competitividade e desempenho sem fim. A singularidade no trabalho pedagógico vem sendo substituída pela padronização de processos (im)produtivos, formando uma atmosfera de (de)pressão por números e esvaziamento do potencial de criação. A transmissão de informações em detrimento do desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade na escola, essa é a grande obra desse modo de governar pela precariedade. Não se constrói quase nada coletivamente. Aliás, ações que remetem a experiências democráticas já constituem, por si, algo subversivo nesse sistema engessado.

Tomando como base o Estado do Paraná – pioneiro dessa política empresarial na educação –, os estudos de Alves e Barbosa (2023) evidenciaram que

[...] o trabalho pedagógico mediado pelas plataformas digitais, diferentemente do que se anuncia, se assenta na perspectiva neotecnicista e instrumental do controle e da padronização, como uma janela de oportunidades para novos processos de privatização, que agudizam condições laborais precarizantes, além de subordinar os processos formativos a uma formação administrada. A escola pulsa, resiste, tem vida! (Alves, Barbosa, 2023, p. 21)

Qual projeção podemos fazer do ponto de vista desta pressão por resultados? Dunker (2021) sinalizou algo a partir de um outro conjunto de problemas, mas que nos ajuda a pensar o cansaço como uma condição psíquica da educação neoliberal. A busca por reconhecimento é uma espécie de prisão da qual não se pode fugir, um neo-panóptico contemporâneo, cuja: “a administração do sofrimento, em dose correta e de forma adequada, pode ser um forte impulso para o aumento da produtividade” (Dunker, 2021, p. 181). Já não é possível afirmarmos que o neoliberalismo ignora o sofrimento, mas sim que o utiliza como uma ferramenta de controle e produtividade. A prova desse argumento está na escola pública. O sofrimento, por ali, torna-se um "capital", uma vez que ele é usado para o aumentar o tempo de trabalho e fomentar a autoexploração.

Doses cavалares de plataformização e slideficação de conteúdos; competitividade e barganha; definhamento da autonomia docente e gestora; substituição de métodos pedagógicos singulares por modelos empresariais de padronização curricular. Gerenciar o sofrimento na escola,

transformando-o em algo administrável. Observamos o aniquilamento das singularidades, e o crescimento da padronização. Estes são os principais elementos de uma equação que, em última instância, expõe um coeficiente de fragilização da vida na escola. Uma vida cansada constitui um sintoma e, em simultâneo, um objetivo.

CAPTURAR OS SONHOS

Quais seriam os limites da cafetinagem da vida na escola? Onde poderíamos apontar o dedo para dizer “o ponto de fuga”, ali, onde ainda se preserva um contato cósmico com a vida? Aquilo que se faz, pensa e sonha foi tomado por completo. O aparelho de captura da maquinaria empresarial não cessa, cava, invade e coloniza como nunca.

O neoliberalismo como componente majoritário do dispositivo de segurança contemporâneo amplia os tentáculos de como a subjetividade é, concomitantemente, produzida e preparada para servir como máquina-competência à sua arte de governar (Filordi, 2020, p. 942).

A presença cada vez mais explícita dessa maquinaria se expressa na política de instituições como Fundação Lemann, Instituto Ayrton Senna, Instituto Unibanco, Fundação Itaú, dentre outros tantos que chegam a cada dia, cada vez mais apropriados de uma produção discursiva sobre a vida. Essa presença nas políticas públicas de educação não são novidades e já podem ser amplamente discutidas (Adrião, Garcia e Drabach, 2020; Oliveira, 2021; Filordi, 2020), mas, o que nos parece importante apontar é algo ainda mais inédito, vindo do laboratório de experimentos nefastos, chamado escola pública da rede estadual de São Paulo, na sua disciplina de Projeto de

vida. Ali, temos presenciado a conversão da potência de vida que há nos encontros humanos e não humanos, transformada em carreiras que prometem sucesso financeiro individual, num futuro de sonhos colapsados, diante de um planeta cada vez mais inóspito e desigual. Os sonhos de toda uma juventude estão sendo tragados para metas de desempenho acadêmico, transformados em números de plataformas digitais que, ao invés de nos aproximar, criam ainda mais distâncias entre o que se aprende, com quem e como. A extração da mais-valia desejante alcançou novas camadas na sociedade do desempenho, explorando e colonizando a capacidade de sonhar.

Como um exemplo, uma prática corriqueira por aqui, e que acontece no início de todo ano letivo (no momento do acolhimento dos estudantes), temos atividade chamada “escalada dos sonhos”. Nesse procedimento, importado de manuais de treinamento empresarial, cada estudante deve descrever onde gostaria de chegar dali dez anos. A atividade seguinte é o “varal dos sonhos”, e trata-se do momento de pendurar na linha os sonhos de todos, para que possam ver e refletir sobre o que é preciso para chegarem ao topo. Se numa turma de sexto ano, por exemplo, metade dos estudantes disseram querer ser policiais militares, advogados ou pastores, isso se torna uma informação valiosa para o andamento das ações pedagógicas na escola. Funciona como um diagnóstico dos sonhos, um material empírico que compõe o trabalho inicial nas escolas – a base para a construção dos planos de aulas das demais disciplinas.

O sonhar já não se encontra numa dimensão cósmica com a vida – um entre-mundos –, ou seja, como algo que conecta a vida na terra com outros tempos e espaços. Ao contrário, ela transformou-se em projeto de sobrevida-mercadoria na sociedade do cansaço. Em seu trabalho sobre a inutilidade da vida, Ailton Krenak falou da importância de resgatarmos uma

relação com o sonhar, algo que se perdeu ao longo de todo esse suposto desenvolvimento. Trata-se de uma política com vida, onde “o sonho é um lugar de veiculação de afetos.” (Krenak, 2020, p.21). Nessa perspectividade (de vida inútil) o sonho adquire uma função de ligação entre o indivíduo e cosmos. É a conexão sagrada com aquilo que escapa a qualquer projeto. Para os Krenak, o que e como se sonha é intuição, aviso, premonição, contato com o sopro da vida, exige sabedoria, respeito e aprendizagem. Por lá, ainda se ensinam os jovens a sentir a vida nos sonhos. O que temos feito na escola pública paulista é justamente o contrário, convertendo energia cósmica em projeto empreendedor; intuição e respeito, em gestão do sofrimento.

A vida tem sido reduzida a uma condição mercadológica, competitiva, num futuro que não há – incerto. “O que vocês querem ser quando terminarem a escola?”, pergunta a educadora aos estudantes da primeira série do ensino médio no primeiro dia de aula em Projeto de vida. O silêncio emerge de um estado de coma profundo, orquestrado, regido, equacionado. Mas ele é também a potência de reversão disso tudo, como nos ensinou Deleuze: “E entre a voz (e seus silêncios) e o espaço (e seus vazios) há cisão, separação, disjunção inclusa [...]” (2010, p. 21), mas trata-se de um silêncio que não pode durar; o silêncio é uma ameaça. Em determinado momento alguém inicia a lista de profissões, tantas vezes repetida – médico (“tem que estudar, hein ...”), advogado, pastor, policial, jogador de futebol, youtuber, rico, etc... Segue a lista.

É necessário capturar os sonhos, extrair deles a mais-valia, alcançar formas mais eficientes de gestão da vida. Ao invés de vivermos a escola pensando/sonhando com a vida, escolhemos torna-la eficiente, como um projeto de futuro na busca de um suposto sucesso individual. Seguimos numa guerra do eu consigo e com os outros. A busca pela satisfação não encontra

limites e tem nos levado de encontro à premonição de Standing (2017):

As tensões dentro do precariado estão colocando as pessoas umas contra as outras, impedindo-as de reconhecer que a estrutura social e econômica está produzindo seu conjunto comum de vulnerabilidades. Muitos serão atraídos por políticos populistas e mensagens neofascistas (Standing, 2013, p. 28).

Nesse sentido, a máquina gerida por Renato Féder⁹ tem sido competente em seu propósito: efetivar um cansaço no nível da solidão e do adoecimento, produzindo dados que comprovem o alto desempenho. A escola se transformou numa empresa de empreendedores precários que só sabem sonhar consigo mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cansaço se arrasta e nos arrasta junto dele. Como ar, tornou-se o elemento ementar. O projeto neoliberal para a vida encontrou na escola pública de SP uma grande possibilidade de atuação. Retornando à cena final de *Você Não Estava Aqui* (Loach, 2018), é possível perguntarmo-nos: como sair dessa impotência que nos fagocita? Nela, Rick, mesmo em condições físicas e mentais precárias, avança de ré rua acima na sua van e, aos gritos de “I need to work”, desaparece na paisagem suburbana da cidade. É preciso seguir em frente, apesar de todo o sofrimento. Forçado a encarar os fatos com resiliência e adaptabilidade, o personagem segue adiante, vamos junto dele. O fim do filme é também a lembrança de um retorno à vida cansada e tarefeira que nos restou. Mas,

apesar de tudo, as imagens se mostram como um lugar ainda possível para um pensamento: como escapar do cansaço?

Aprendemos tanto com o filme, quanto com o livro, que a linha de fuga se faz no encontro com os signos de um povo por vir, ele não existe (a priori). Senão na sua dimensão de potência de um outro povoamento com a vida. Povoamento que se faz com pensamentos, por que não? Um povo de afetos não cansados pede passagem na educação escolar e ele precisa ser inventado. É necessário criar passagens para um povo por vir. Criar linhas com uma vida selvagem. Algo capaz de esgotar o cansaço, para podermos viver de outras maneiras, sonhando com uma vida sem tanta utilidade.

Para isso, nos parece urgente que mudemos o afeto. Somente assim para ser possível gerar outras alianças com a vida. Precisamos de afetos que nos ajudem a sabotar aquilo que nos torna cansados demais, em proveito da invenção de passagens para uma vida. Não vamos sonhar com a vida se estivermos ocupados em transformar o seu potencial de variação num empreendimento de sucesso. Se atingir a meta ouro ou diamante for a condição da nossa sobrevivência na escola. É preciso inventar outras formas de re-existir a esta pedagogia elástica do sofrimento, fazendo de tudo o que nos torna cansados o trampolim para uma criação que ainda não se fez – a arte como uma saúde.

A escola pública continua sendo uma trincheira. A luta agora é contra tudo que cansa. O currículo e seu case de sucesso precisa de ações que o quebrem, ainda que sejam pequenas as rachaduras, o suficiente para fazer passar outras relações com a vida. A vida como projeto na escola pública tem se mostrado mais do que um mero reflexo da sociedade neoliberal, ela transformou-se numa refinada estratégia de cafetinagem.

Um cenário perigoso abre espaços para que grupos fanáticos e intolerantes ocupem esse importante lugar. Porém, no meio disso tudo, existem linhas e nem todas são de controle; nem todas são tão duras assim, que não possam ser desterritorilizadas. Existem outros conjuntos de conexões a serem inventados (por vir), outros fios de vida na flexibilidade, na fuga, no deserto. Ativar os fios de uma vida sem projeto (nômade), eis o foco. Conectar com linhas criadoras, capazes de fazer passar transcendência da vida. Conseguir nos reconectarmos à vida de modo mais coletivo, contingente, cósmico. Para isso, é necessário romper com aquilo tudo que cansa, imprimir outro ritmo e uma outra atenção com a vida. Não conseguimos ver de outra forma que não seja sabotar. Combater no sensível, inventando outras formas de estarmos juntos (de sentirmos). É preciso deslocar o cansaço, sendo capazes de transmutar em afetos felizes: eis o principal desafio num mundo em colapso.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, T.; GARCIA, T.; DRABACH, N. A influência de atores privados na educação paulista: a primeira geração da privatização. *Políticas Educativas, Paraná*, v. 13, n. 2, p. 96-108, 2020.
- ALVES, N.; BARBOSA, R. A Reforma do Ensino Médio e a Plataformização da Educação: expansão da privatização e padronização dos processos pedagógicos. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 21, p. 1-26, 2023 .
- AFSHAR, Y. et. al. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. da S.; DUNKER, C. (Org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo horizonte: Autêntica, 2021.

BORGES, H. M.; MAIA, R. da S. O impacto do uso do smartphone e das redes sociais na atenção, memória e ansiedade de estudantes universitários: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, Minas Gerais, v. 11, n. 15, 2022.

BRASIL. Ministério da educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: <<https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Documento-Final.pdf>> . Acessado em 02/08/2024.

CARVALHO, A. F. de. Foucault e o neoliberalismo de subjetividades precárias: Incidências na escola pública brasileira. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, 2020.

DUNKER, C. A hipótese depressiva. Em: SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. da S.; DUNKER, C. (Org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo horizonte: Autêntica, 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DELEUZE, G. *O ato de criação*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 1999.

_____. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *O esgotado*. In: *Sobre o teatro: um manifesto de menos*. MACHADO, R. (Org.); *O esgotado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. *Imanência: uma vida*. *Limiar*, v. 2, n. 4, 2º semestre de 2016.

FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982/1983)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOVERNO DE SÃO PAULO. Novo sistema de bonificação da rede estadual vai pagar até dois salários para professor. Governo de São Paulo, São Paulo, 29 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/novo-sistema-de-bonificacao-da-rede-estadual-vai-pagar-ate-dois-salarios-para-os-professores/> Acessado em 07/10/2024.

HAN, B. *Sociedade do Cansaço*. 2ª edição ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

NORONHA, M. I. A.; FIORILO, P. O Estado de São Paulo não está na direção certa, senhor governador. Folha de S. Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias-2025/o-estado-de-sao-paulo-nao-esta-na-direcao-certa-senhor-governador/>. Acessado em 20 de janeiro de 2025.

LOACH, Ken. *Você não estava aqui*. Produção: BBC Films, Sixteen Films. Inglaterra, França, Bélgica: Entertainment One, Le Pacte, Cinéart, 2019.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A relação público e privado na educação básica brasileira. *Revista Trabalho Necessário*, v. 19, n. 39, p. 1-17, 2021.

SÃO PAULO. *Diretrizes curriculares: projeto de vida*. 2020. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/download/Projeto%20de%20Vida/Diretrizes%2>



O Currículos%20Projeto%20de%20Vida%20Revisão_VI.pdf . Acessado em 03/10/2024.

SÃO PAULO. Sala do Futuro Alunos. Disponível em: <https://atendimento.educacao.sp.gov.br/knowledgebase/article/SED-08054/pt-br>. Acesso em: 27 de março de 2025.

STANDING, G. O Precariado – a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Recebido em 20/03/2025.

Aprovado em 12/07/2025.